

ANÁLISE TEXTUAL DA CRÔNICA “O PADEIRO” DE RUBEM BRAGA

Yasmim Paim Forte Haas¹
Anna Carolyna Melo Ferrer Costa²

RESUMO

O presente artigo discorre acerca da concepção de texto e seu domínio dentro do escopo teórico da Linguística Textual. Busca-se aplicar o método de análise de texto de Antunes (2010) na crônica “O padeiro”, de Rubem Braga, verificando o trabalho com oralidade, leitura, escrita e gramática. É apresentado um breve retrospecto das linhas teóricas que contribuíram para os atuais estudos sobre o texto. A noção de gêneros textuais é comentada em aspectos conceituais e à luz dos estudos do teórico russo, Mikhail Bakhtin. Os procedimentos metodológicos adotados centram-se em pesquisa exploratória bibliográfica e na aplicação do modelo de análise textual de Antunes (2010) na crônica selecionada.

Palavras-chave: Texto. Linguística Textual. Análise Textual. Gênero Crônica.

¹ Aluna do curso de Letras Português e Inglês da FAE Centro Universitário. *E-mail*: yasmim.paim@gmail.com

² Orientadora da pesquisa. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Graduada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professor auxiliar da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Professora do Bom Jesus e da FAE Centro Universitário. *E-mail*: anna.costa@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o trabalho com texto em sala de aula ficou fadado a atividades de análise linguística, utilizado com pretexto pelo ensino tradicional que tomava como unidade de estudo a estrutura da oração e do período.

A partir da década de 1980, voltando-se contra essa maneira de ensino da língua portuguesa, destacam-se propostas de trabalho que utilizavam o texto como unidade de estudo essencial da interação verbal – reflexo da contribuição da linguística textual e da teoria dos gêneros.

O modelo de análise de textos utilizado neste trabalho é de autoria de Irandé Antunes (2010), apresentado na obra *“Análise de textos: fundamentos e práticas”*. A escolha pela linguista em questão é resultado de uma revisão bibliográfica referente a autores contemporâneos que discutem aspectos importantes para a compreensão do ensino de Língua Portuguesa dentro das escolas. Antunes é autora de referência em Língua Portuguesa e além de sua atuação como pesquisadora, é uma profissional que se preocupa com a prática de ensino, exercendo participação ativa na divulgação científica da área.

Antunes (2003) reflete que as práticas pedagógicas de língua materna têm sido alvo de uma constante preocupação, pois muitas são as dificuldades dos alunos no que diz respeito ao desenvolvimento da proficiência em leitura e compreensão de texto, e sendo o texto compreendido pelos profissionais da área como a unidade básica da linguagem verbal, deve ser utilizado como instrumento mais presente no cotidiano da sala de aula. O papel do docente é primar, no contexto educacional, pelo trabalho com os diversos gêneros textuais disponíveis na sociedade.

Segundo Marcuschi (2010) apropriar-se dos gêneros textuais é um instrumental indispensável para as práticas comunicativas e para a socialização humana. Quanto a isso, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 26), afirma-se que:

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade.

Dos tipos de textos que circulam socialmente, o gênero textual crônica foi o escolhido como objeto de análise para este trabalho. Este artigo pretende discorrer sobre o processo de construção de sentido no texto escrito, especificamente na crônica “O padeiro” de Rubem Braga, buscando analisar segundo o modelo de Antunes (2010) as estratégias textuais empregadas na produção.

Sá (1992), tido como especialista no gênero crônica, afirma que um cronista não se pode dar ao luxo de inventar fato, ambientes, lugares, datas, personagens etc., mas deve, a partir de um fato do cotidiano, um acontecimento qualquer (não inventado), remodelar o relato, ultrapassando os limites de como o fato “real” seria visto pelos leitores. O papel do cronista seria de alcançar, uma dimensão mais profunda do fato corriqueiro, a essência mesmo ao se recriar a situação.

Perante a breve reflexão feita, podem-se julgar os gêneros textuais, no geral, como poderosos instrumentos de comunicação, uma vez que as situações cotidianas convocam os indivíduos a produzirem uma gama de textos orais ou escritos que se registram em diversos gêneros. Portanto, a leitura e produção destes devem ser de referência para o ensino de língua portuguesa.

O trabalho em questão seguirá no escopo teórico da Linguística Textual, que tem como objeto de estudo o processamento de texto e busca evidenciar as motivações e as estratégias utilizadas pelos sujeitos na produção e na compreensão dos textos, além de assumir que a comunicação linguística se dá por meio de textos orais ou escritos. Outro suporte teórico-metodológico que sustentará a análise desenvolvida é a abordagem interacionista, como elucidado a partir de Antunes.

Antunes (2003, p.41) comenta que ao longo dos estudos linguísticos, duas grandes tendências marcaram a percepção dos fatos da linguagem:

- a) uma tendência centrada na língua enquanto sistema em potencial, enquanto conjunto abstrato de signos e de regras, desvinculado de suas condições de realização;
- b) uma tendência centrada na língua enquanto atuação social, enquanto atividade e interação verbal de dois ou mais interlocutores e, assim, enquanto sistema-em-função, vinculado, portanto, às circunstâncias concretas e diversificadas de atualização.

A segunda tendência apresentada por Antunes possibilita uma consideração mais ampla da linguagem. Assume a língua com o objetivo de promover interação entre as pessoas – concepção segundo a própria autora:

interacionista, funcional e discursiva da língua, da qual deriva o princípio geral de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos” (ANTUNES 2003, p. 42)

Partindo da concepção de que língua é um sistema real, utilizado em determinados contextos comunicativos e de que texto é um processo, uma unidade em construção diferente de uma sequência de frases isoladas, a pesquisa foi norteadada dentro dos seguintes questionamentos:

- a) Quais os princípios de análise textual?
- b) Que elementos analisar e como analisar?
- c) Como usar a análise textual de maneira a equilibrar o trabalho com oralidade, leitura, escrita e gramática em sala de aula?
- d) O objetivo geral do trabalho é analisar, seguindo o modelo específico de análise de Antunes (2010) os aspectos da dimensão textual global de da crônica “O padeiro” de Rubem Braga. Os objetivos específicos traçados são:
- e) Reunir fundamentos teóricos sobre linguística textual e o conceito de texto;
- f) Descrever os fatores de análise textual e seus elementos na crônica selecionada;
- g) Verificar os benefícios de se fazer a análise textual proposta.

1 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E O CONCEITO DE TEXTO

O emprego do texto e do discurso como unidade básica dos estudos linguísticos não foi um processo isolado e uniforme, uma vez que na história da linguística textual existiram várias correntes teórico-metodológicas. De forma genérica essas correntes podem ser agrupadas em duas tendências: a análise do discurso de linha francesa e a linguística textual. A análise do discurso de linha francesa tem como preocupação dominante o sujeito da enunciação, os sentidos que ele produz e a ideologia embutida na mensagem. A Linguística Textual tem como objeto de estudo os processos de construção textual, por meio dos quais os participantes de um ato comunicativo interagem e constroem sentidos. Traçando a evolução da linguística textual, podem-se destacar três perspectivas de estudo: as análises transfrástica; as gramáticas de texto; a teoria de texto.

Marcuschi (1999) retoma o fato de que no final de década de 1970, o enfoque da Linguística Textual passa a ser a noção de textualidade, estabelecida por Beaugrande e Dressler em 1981. Essa etapa no desenvolvimento da Linguística Textual surge a partir de uma nova concepção de língua, aliada a um novo conceito de texto e este trabalho toma como base essa perspectiva.

Fiorin (2015 p. 42) apresenta uma reflexão acerca dos objetos da linguística e pontua que a área tem por finalidade empírica “elucidar o funcionamento da linguagem humana, descrevendo e explicando a estrutura e o uso das diferentes línguas faladas no mundo”.

Discorrendo acerca do surgimento da linguística textual, tem-se que a corrente surgiu na Europa – mais especificamente na Alemanha – na década de 1960 como sendo um novo ramo na linguística. Sua premissa de análise consiste em adotar como

unidade principal de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos uma manifestação mais específica da linguagem.

Marcuschi (2008, p. 73), comenta que a linguística textual atua em “operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso” não condenando o texto a ser apenas um artefato linguístico, mas sim um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em diversos contextos.

Retomar a trajetória da linguística textual promove uma reflexão do que se adota como sendo um texto. Para Marcuschi (2008), o texto opera em planos enunciativos complexos que transcendem o funcionamento das regras fixas, isto é o texto “como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas” (MARCUSCHI, 2008, p. 79). Elenca-se ainda, para embasar este artigo, os estudos de Costa Val (2006).

A autora discorre que para se compreender de forma mais efetiva o “fenômeno da produção de textos escritos”, deveria-se primeiro entender o que primeiramente é um texto, seja ele escrito ou oral, e define texto ou discurso como sendo uma “ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sócio comunicativa, semântica e formal” (COSTA VAL, 2006, p. 3)

De acordo com o conceito adotado por Costa Val, um texto será bem compreendido quando avaliado sob três aspectos: “pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informal e comunicativa; semântico-conceitual, de que depende sua coerência; o formal, que diz respeito a sua coesão” (COSTA VAL, 2006, p. 5).

Pode-se observar embasando-se nas fontes citadas, que texto não é um amontoado de palavras. Sua essência guarda um sentido de interação, de relação humana, com intenções claras dentro de um contexto. As propostas que constituem a linguística textual passam a compreender com maior profundidade seu objeto, o texto.

2 GÊNEROS TEXTUAIS

Adotar os gêneros textuais como objeto de estudo implica em considerar a natureza social da linguagem e o caráter dialógico e interacional da língua. É ter clareza da concepção sociointeracionista e do trabalho com o texto.

O conceito de gênero textual é, hoje, um importante elemento nos estudos da linguagem. Os gêneros são ações socialmente reconhecidas por meio de seus representantes textuais.

Marcuschi (2011) discorre sobre o fato de que todo o gênero se realiza em textos e que toda a manifestação verbal humana se dá em forma de texto – esses textos são “enunciados no plano das ações sociais” (MARCUSCHI, 2011 p. 20). Portanto, uma vez que o ser humano usa da comunicação como mecanismo de expressão e interação, tem-se produção textual como elemento essencial da vida em sociedade.

De acordo com Swales (1990 *apud* MARCUSCHI, 2008), o gênero têm sido facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, seja falado ou escrito, com ou sem fins literários.

Marcuschi (2008, p. 150) comenta que:

Cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação [...], pois todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma.

Tal concepção é de suma importância para se identificar em quais esferas de circulação os gêneros textuais se apresentam e com base nesse conhecimento, pode-se também saber a que se propõem determinados gêneros textuais – uma crônica, por exemplo, que geralmente circula nos jornais, é lida de forma mais rápida e possui como relevância abordar situações do cotidiano.

Sendo os gêneros textuais a forma pela qual se usa a língua para fins de comunicação; se apresentam em todas as situações discursivas; variam de acordo com as diferentes situações comunicativas; fazer o uso de diferentes gêneros em sala de aula possibilita aos alunos o entendimento da língua e de seu uso no cotidiano.

2.1 GÊNERO TEXTUAL SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Os estudos de Mikhail Bakhtin (1997) se destacam nas questões relativas aos gêneros do texto/discurso, levando em conta condições de produção e recepção da atividade da língua.

A linguagem postulada por Bakhtin atribui destaque ao sujeito em situação de interação. É a partir desse sujeito que enunciados são produzidos e por meio desses enunciados é que se torna possível a compreensão de relações sociais e históricas que caracterizam a vida em comunidade.

Para Bakhtin (1997), os enunciados são acontecimentos que exigem uma determinada situação histórica, aliado à identificação dos atores sociais, compartilhamento de uma mesma cultura e estabelecimento de um diálogo. O

que determina o uso de um ou outro gênero, é a necessidade comunicativa dos integrantes de determinado círculo de atividade social. Cada esfera social conhece seus gêneros, esses que são apropriados à sua especificidade e correspondem a determinados estilos. Em suma, uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um determinado gênero, ou seja, um tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Esses enunciados se concretizam nos mais variados textos, e são denominados de gêneros do discurso:

[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Diante do exposto, entende-se que os gêneros discursivos são textos que circulam na sociedade, estão presentes em nosso dia a dia e que nascem da necessidade de um grupo. Os gêneros se constituem historicamente a partir de novas situações de interação verbal e se estabilizam nas diferentes esferas sociais.

Marcuschi (2003), confirma os pressupostos bakhtinianos, quando reflete que os gêneros são os textos materializados que encontramos em nosso cotidiano e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição.

Ressalta-se que este trabalho tem apoio direto nos conceitos de gêneros discursivos *bakhtinianos*, linha que prima a interação verbal (dialogia), a noção de enunciado, de destinatário conforme esfera social etc. Ademais de qualquer nomenclatura cunhada para a área, será utilizada a terminologia “gêneros textuais”.

3 O GÊNERO CRÔNICA

A palavra crônica é derivada do latim *Chronica* e do grego *Khrónos* (tempo), o significado principal que acompanha o gênero é o conceito de tempo. Ferreira (2014, p.210) define a palavra da seguinte forma:

1. Narração histórica, por ordem cronológica.
2. Pequeno conto, de enredo indeterminado.
3. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal.
- 4.

Seção de revista ou de jornal. 5. Conjunto de notícias sobre alguém ou algum assunto.

A princípio, o termo crônica foi usado para denominar uma modalidade textual que se relacionava à História. Segundo Moisés³ (2012), a crônica na Idade Média e início da Idade Moderna era um tipo de texto que objetivava enfileirar, cronologicamente, acontecimentos históricos que merecessem ser lembrados na posteridade.

A crônica teve início no século XIX, a partir de publicações que abordavam diversos assuntos e eram colocadas nos rodapés das páginas dos jornais da época – os folhetins – que tinham como finalidade distrair os leitores, missão de promover um momento de descanso ao leitor do jornal que se deparava com tantas notícias, nem sempre tão agradáveis. Muitos aderiram a esse tipo de leitura e, hoje, pode-se dizer que a crônica é adotada por vários tipos de leitores que procuram tanto nas páginas dos jornais, livros ou portais web uma forma de distração por meio de textos curtos, que tratam dos acontecimentos cotidianos de um jeito que envolve e emociona.

A crônica, em linhas gerais, se configura por ser o relato de um ou mais acontecimentos em um determinado tempo. É um texto que se propõe a falar de aspectos do mundo real, mas que o faz de maneira criativa procurando reproduzir uma conversa, uma interação. A quantidade de personagens é reduzida, podendo inclusive não haver personagens. O gênero como falado, apresenta um fato cotidiano, com traços de lirismo, reflexão, ironia e humor. Segundo Sá (1992, p. 10):

Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a mágica da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata.

A crônica é produzida em contextos de política, literatura, esporte, arte ou simplesmente relativo à vida cotidiana e nesse sentido apresenta teor jornalístico, pois trata de eventos reais e concretos da vida, visando provocar uma reflexão no leitor.

³ Professor titular da Universidade de São Paulo, Massaud Moisés lecionou nas universidades de Wisconsin, Indiana, Vanderbilt, Texas, Califórnia e Santiago de Compostela. Grande parte de sua produção é na área de teoria literária e literatura em geral. Moisés está elencado como referencial neste trabalho por conta de suas pesquisas acerca da história do hibridismo jornalístico-literário do gênero textual crônica – o autor seguirá como um dos aportes teóricos para a pesquisa em questão.

Moisés (2012, p. 626) comenta que:

A crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da imaginação. No primeiro caso, a crônica envelhece com rapidez e permanece aquém do território literário: na verdade, o envelhecimento precoce ou tardio de uma crônica decorre dos débitos para com o jornalismo no sentido estrito.

Seguindo a linha de pensamento de Moisés, é sabido que a crônica é um gênero textual híbrido, que exibe um ponto comum entre o jornalismo e a literatura, apresentando questões do cotidiano próximas à realidade em que autor e leitor estão inseridos. Nesse contexto, o autor de crônica trabalha determinados fatos e acontecimentos de modo, aparentemente, superficial e desprovido de importância, e por meio de linguagem simples, dialogada, se aproxima do leitor. O papel do cronista seria de alcançar, segundo Sá (1992) uma dimensão mais profunda do fato corriqueiro, a essência mesmo ao se recriar a situação.

O desenvolvimento do gênero, no Brasil, veio aliado a nomes de escritores consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Artur da Távola e os mais contemporâneos, Fernando Sabino e Luís Fernando Veríssimo.

Por seus artifícios, que em linhas gerais trazem o texto para perto do leitor, a crônica pode ser grande aliada dos docentes de língua portuguesa. O hibridismo do texto jornalístico com o literário, atrelado a elementos de linguagem coloquial e leve, muitas vezes, repleta de lirismo ou humor (dependendo do estilo de cada cronista), confere à crônica uma brevidade e simplicidade, que facilitam sua leitura e estudo em sala de aula.

4 MODELO DE ANÁLISE DE TEXTO DE ANTUNES (2010)

“Análise de textos: fundamentos e práticas”, de Irandé Antunes⁴, tem por objetivo criar uma discussão a respeito da prática de análise de textos como atividade pedagógica.

Segundo Antunes (2010), existe uma tendência de se condensar a análise textual a uma mera compreensão de questões que estão na superfície do texto, como uma paráfrase ou ainda a identificação de categorias gramaticais/sintáticas, deixando de lado aspectos relevantes da construção do texto e da sua textualidade.

⁴ Antunes é Doutora em Linguística pela Universidade Clássica de Lisboa, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Ceará (UFC) e atua com pesquisas relacionadas aos temas: língua, texto, gramática, produção textual, leitura e formação de professores. É autora de vários livros sobre o ensino de língua materna.

Para Antunes (2010), tudo pode ser analisado nos textos, o que não se pode é reduzi-lo a um campo de exemplificação de questões gramaticais. A autora propõe que a análise textual envolva aspectos globais do texto, aspectos de sua construção e aspectos de sua adequação vocabular e neste sentido, espera-se, a partir dos moldes de análise que a autora adota em sua obra, replicá-los na crônica “O Padeiro” de Rubem Braga.

O modelo de Antunes (2010) apresenta 8 níveis de análise textual quanto:

1. Ao universo de referência;
2. À unidade temática;
3. À progressão do tema;
4. Ao propósito comunicativo;
5. Aos esquemas de composição do texto, conforme seu tipo e gênero;
6. À relevância informativa;
7. Às relações com outros textos;
8. Aos fatos gramaticais.

Os procedimentos metodológicos adotados neste artigo centram-se em pesquisa exploratória bibliográfica e na aplicação do modelo de análise textual de Antunes (2010), visando alcançar um dos objetivos traçados: descrever os fatores de análise textual na crônica selecionada.

5 ANÁLISE DA CRÔNICA “O PADEIRO” DE RUBEM BRAGA

A palavra análise é derivada do grego analysis e o significado principal que acompanha a palavra é o conceito de soltar, afrouxar ou decompor. Ferreira (2014, p.43) define a palavra como: “1. Exame de cada parte de um todo para conhecer-lhe a natureza, as funções, etc. 2. O resultado da análise¹ (1).”

No que compete o processo de análise de textos, Antunes (2010, p. 49) comenta e tece sua definição:

[...] é descobrir, entre outros pontos, seus esquemas de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as relações que guardam entre si e com elementos da situação, os efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos. É procurar descobrir o conjunto de suas regularidades, daquilo que costuma ocorrer na sua produção e circulação, apesar da imensa diversidade de gêneros, propósitos, formatos, suporte em que eles podem acontecer.

O processo de análise de textos faz parte da essência dos Parâmetros Curriculares Nacionais. O documento propõe que o ensino de língua seja pautado na oralidade, isto é, língua falada, na leitura, na escrita e na análise linguística, sendo esses pontos os eixos norteadores das atividades didáticas.

Segundo Franchi (1987), a análise linguística é um exercício completo da linguagem, uma vez que está presente no cotidiano dos falantes, e quando é levada e posta em prática na sala de aula, leva o aluno a ampliar seus recursos expressivos de fala e escrita, adquirindo novos conhecimentos e instrumentalizando a própria linguagem. Antunes (2010) complementa essa linha de concepção quando sistematiza um modelo de análise de textos pautada em análise linguística e examina o texto, seja ele de qualquer gênero, em 8 níveis macro de análise textual, visando examinar, a partir do texto, o funcionamento da linguagem.

Os 8 níveis de análise de Antunes (2010) serão replicados/verificados na crônica “O padeiro” de Rubem Braga.

5.1 QUANTO AO UNIVERSO DE REFERÊNCIA DO TEXTO

- a) Publicado no volume 1 da série “Para gostar de ler” de 1980;
- b) O autor, Rubem Braga, (1913-1990), brasileiro que foi escritor, poeta, tradutor, crítico de artes plásticas e também jornalista. Tornou-se famoso como cronista de jornais e revistas de grande circulação no país;
- c) A crônica em análise tem como definição referencial um elemento da realidade – o fato de pessoas que possuem um emprego de atividade operacional não se acharem importantes ou de relevância;
- d) O texto pertence ao domínio da literatura, mas especificamente da literatura que costuma ser publicada em suportes do jornalismo e que se destina à uma abordagem um tanto quanto despreziosa de leitura;
- e) Texto construído conforme os padrões prestigiados da língua e predominando, de acordo com a estrutura do gênero crônica, narrativa de fatos do cotidiano de maneira simples e acessível, utilizando de linguagem informal e marcas de oralidade – exemplo da crônica:
“[...] – Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo!”
- f) Os destinatários do texto: sujeitos interessados por literatura, e em sua maioria pessoas com certo grau de letramento.

5.2 QUANTO À UNIDADE TEMÁTICA DO TEXTO

- a) A crônica se desenvolve em torno de um homem que rotineiramente recolhe o pão que é entregue à porta de sua casa, mas no dia relatado o pão não está no lugar de costume. O homem ao notar a ausência do alimento lembra-se de uma reportagem sobre o “pão dormido” – matéria jornalística que comentava uma movimentação social para acabar com o trabalho noturno dos padeiros, fato que impactaria na entrega de um pão sempre fresco logo pela manhã na casa dos consumidores. Comendo o “pão dormido” (o produto amanhecido do dia anterior) lembrou-se de um padeiro que entregava o pão e gritava que não era ninguém. O padeiro replicava tal discurso pela rotina e pois repetidas vezes ouvia falarem “*Quem é? Não é ninguém, é o padeiro.*” A memória desse padeiro transporta o homem para um estado de reflexão, quando relembra os tempos em que trabalhava na redação de um jornal e assim como os padeiros, tinha jornada em período noturno preparando o jornal do dia seguinte para o público leitor. O texto se encerra com o homem refletindo acerca da humildade do padeiro, um sujeito sorridente, que desempenhava seu trabalho todos os dias, mas ainda sim se via como “um ninguém”.

5.3 QUANTO À PROGRESSÃO DO TEMA

- a) Percebe-se que o andamento da crônica se dá pela recuperação de uma informação anterior e apresenta-se uma sequência a partir desta, em progressão constante e linear, até o desfecho da narração.

Exemplo:

Tomo **o meu café** (1) com pão dormido, que não é tão ruim assim. (1A) **E enquanto tomo café** vou me lembrando de um **homem modesto que conheci antigamente** (2). (2A) **Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha**, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando. (SÁ, 2012, p. 12, grifo nosso)

- b) Uma manutenção natural do tema. O desenrolar da crônica caminhando a partir de um fato e evoluindo conforme a narrativa, dando assim, continuidade espontânea ao texto.

5.4 QUANTO AO PROPÓSITO COMUNICATIVO/RELEVÂNCIA INFORMATIVA

- a) O texto em análise pertence ao domínio literário e se destaca pelo teor reflexivo que apresenta. Observa-se que o a crônica pode até ser lida como a piada do homem que dizia “um ninguém” mas há notória crítica social na malha do discurso – o relato da história de trabalhador que entregava os pães para famílias ricas e pensava que era um ninguém, que não se fazia necessário abrirem a porta para recebê-lo com um bom dia ou ainda agradecimentos pela entrega do produto;
- b) Nesta crônica, Rubem Braga reflete que o trabalho de padeiro tem suma importância. O “ser invisível” assumido pelo entregador de pães é uma condição equivocada imposta pelas relações sociais, que desvalorizam profissões importantes por conta de questões culturais e econômicas.

5.5 QUANTO AOS ESQUEMAS DE COMPOSIÇÃO DO TEXTO, CONFORME SEU TIPO E GÊNERO

- a) Partilha-se da definição de esquema de crônica dada por Antunes (2009, p.93), definindo com maestria a composição do gênero analisado:

[...] um gênero que surgiu na relação da literatura com a imprensa (os primeiros cronistas recebiam como missão escrever um relato dos fatos da semana ou dos costumes que marcavam a vida social). Daí uma característica distintiva da crônica: seu tema são episódios do cotidiano, naquilo que eles têm de detalhe e que, aos olhos comuns, podem não significar nada. Aos olhos do cronista, no entanto, esses detalhes se convertem em material para relatos e descrições cheios de estilo, de muita graça e muito encanto literário. [...]

- b) O cronista tira o tema do próprio cotidiano e traça o texto em linha narrativa, dando ao leitor o prazer de descobrir aos poucos as nuances de reflexão do caso retratado – a realidade do trabalhador que, nos bastidores da sociedade, ajuda a mantê-la, mas sem obter o reconhecimento de seu trabalho, se tornar/ se sente um sujeito invisível.

5.6 QUANTO ÀS RELAÇÕES COM OUTROS TEXTOS

Não foram identificadas relações com outros textos ou nuances de intertextualidade na crônica em questão.

5.7 AOS FATOS GRAMATICAIS

- a) O texto escolhido se caracteriza como sendo crônica por apresentar um breve retrato de um acontecimento do cotidiano: a reflexão de um homem sobre o trabalho a partir da lembrança de um padeiro que conheceria;
- b) Sugere-se análise global da crônica, explorando: enredo, conceito de narrador e foco narrativo, personagens, espaço, conflitos, marcas estilísticas, vocabulário etc.
- c) Destaca-se que logo no primeiro parágrafo tem-se a figura do narrador-personagem da crônica, representado pela primeira pessoa do singular, demonstrado por uma sequência de ações rotineiras: *“levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café, abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costumeiro”*;
- d) A situação que antevê a lembrança do humilde padeiro é um fato que se torna fio condutor de todo o núcleo temático do texto: o fato de não ter pão na porta do apartamento – fato é iniciado pela conjunção adversativa, “mas”;
- e) Cabe ainda um trabalho de aprofundamento acerca do contexto registrado pela crônica visando à construção de sentidos: saber que antigamente o padeiro entregava o pão na porta da casa das pessoas; observação das escolhas lexicais presentes no texto (indicam o tempo da obra, contexto registrado); a noção de que existem profissões mais e menos reconhecidas socialmente; entender que o objetivo de certa forma mascarado no texto é criticar as relações excludentes e preconceituosas existentes no universo do trabalho.

CONCLUSÃO

Como comentado ao longo do artigo, o estudo do texto perpassou por várias correntes teóricas até chegar ao conceito que se é o foco nos estudos atuais: o texto como resultado de um agir cognitivo, interacional e linguístico.

A premissa da Linguística Textual prioriza o trabalho com o texto em uma unidade maior de sentido, ultrapassa a palavra ou a sentença que tradicionalmente eram/são

utilizadas como objeto de estudo e que de certa forma desprezam as ideias do texto, o utilizando apenas como pretexto para o ensino da gramática.

Conclui-se que entender e aceitar o texto como unidade de ensino da língua é entender e aceitar que os sujeitos produzem e constroem sentidos do texto com base em suas experiências pessoais e conhecimento de mundo. Tomar o texto com objeto de ensino é entender que a língua não é um produto acabado, mas sim um processo de interação constante.

O artigo em questão procurou, a partir da aplicação do modelo de análise de textos de Antunes (2010), descrever e verificar os fatores elencados na crônica “O padeiro” de Rubem Braga.

Entende-se que a importância da análise de texto só dá quando se compreende que nem todos os elementos da língua são descritos pela gramática. É partir do texto, o todo significativo que pertence a um universo mais complexo, que se abarcam os demais pontos de análise.

A análise realizada seguiu os 8 níveis propostos por Antunes (2010): universo de referência; unidade temática; progressão do tema; propósito comunicativo; esquemas de composição do texto, conforme seu tipo e gênero; relevância informativa; relações com outros textos; fatos gramaticais.

Nota-se que a crônica dá suporte para além dos 8 níveis observados. O campo de atividades em viés de análise do discurso cabe no texto verificado, uma vez que o discurso embutido na crônica se constrói linguisticamente aliado ao contexto social e de produção do texto. O professor quando em sala de aula pode explorar as ideologias presentes no discurso de Rubem Braga, explorando o fato de que estão diretamente ligadas e influenciadas pelo contexto político-social em que o autor está inserido. A análise do discurso surge como aliada ao modelo de Antunes (2010), focando no contextual da estrutura discursiva.

O modelo estudado extrapola o reconhecer de elementos gramaticais ou ainda aspectos de interpretação rasa. Os níveis de análise rompem com a prática de texto como pretexto e o tomam como objeto de ensino, contextualizando e materializando o uso da língua ao explorar as diversas possibilidades e análises da produção.

Cabe ressaltar que esta pesquisa tomou o gênero crônica como objeto de estudo, sendo *corpus* de análise aplicado ao modelo textual de Antunes (2010). Por mais que as análises realizadas tenham perpassado as noções de conhecimentos prévios, histórico do gênero crônica, função social do gênero e características composicionais, não se configuram como sequência didática⁵, mas sim como um possível roteiro de análise tópico a tópico a serem verificados em sala de aula.

⁵ “Sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. de et al. **Para gostar de ler: crônicas**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1980.
- ANÁLISE. In: FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 43.
- ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. **Aula de português: encontro e interação**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1997. p. 277-326.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC; SEF, 1997.
- COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2006.
- CRÔNICA. In: FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 210.
- FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, J. L. et al. (Org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-43.
- FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 5, n. 9, p 5-45, maio 1987. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/3748>>. Acesso em: 29 mar. 2017.
- FRAZÃO, D. Rubem Braga. **EBiografia**, maio 2015. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/rubem_braga>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Revista DLCV: Língua, Linguística & Literatura, Paraíba**, v. 1, n. 06, p. 1-34, jun. 2003.
- _____. Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos na produção de sentido. **Revista do Gelne: Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, Pernambuco**, v. 1, n. 04, p. 1-9, ago. 1999.
- _____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-31.
- _____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- MOISÉS, M. **A criação literária: poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SÁ, J. de. **A Crônica**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1992.